



Serviço Público Federal
Universidade Federal da Bahia
Escola de Teatro
Colegiado de Graduação

SELEÇÃO: ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM TEATRO (B.I. ARTES) - 2015

MONÓLOGO / ATOR

CORPO FECHADO¹

MANUEL FULÔ – Pois o senhor não imagina que, ao depois, o miserável desse Adejalma, só por medo da minha macheza, me convidou, mais o tropeiro, p'ra beber com ele e fazer companhia?... O tropeiro agradeceu e não aceitou e não aceitou, mas eu fui, porque não sou soberbo... Pois o senhor não acredita que o canalha foi encomendando despesas, e me elogiando e respeitando, até que eu fiquei assim meio escurecido, e aí ele foi-se embora e me deixou sozinho p'ra eu ter de pagar tudo, por perto de uns quatro mil-réis? ... É ou não é p'ra uma pessoa correta ter raiva? É ou não é?!... Cachorro! Morreu de erisipela na cara... E o Miligido? Esse era homem bom... Homem justo. O que ele era era preto... Mais preto do que os outros pretos, engomado de preto... Eu acho que ele era preto até por dentro! Mas foi meu amigo. Valentão valente, mesmo. Um dia ele me deu uma escova de dente, quase nova... Eu acho que ele encontrou a tal nalgum lugar e não sabia que serventia aquilo tinha...

ELES NÃO USAM BLACK-TIE²

TIÃO – (*num grande desabafo*) – Medo, está bem Maria, medo!... Eu tive medo sempre!... A história do cinema é mentira! Eu disse porque eu quero sê alguma coisa, eu preciso sê alguma coisa!... Não queria ficá aqui sempre, tá me entendendo? Tá me entendendo? A greve me metia medo. Um medo diferente! Não medo da greve! Medo de sê operário! Medo de não saí

¹ ROSA, João Guimarães. *Corpo Fechado*. In: Sagarana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 273. Texto adaptado.

² GUARNIERI, Gianfrancesco. *Eles Não Usam Black-Tie*. In: **Teatro de Gianfrancesco Guarnieri**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. O monólogo foi adaptado. Juntaram-se as falas do diálogo que se encontra nas páginas 103 e 104.

nunca mais daqui! Fazê greve é sê mais operário ainda!... Maria, minha dengosa, não chore mais! Eu sei, tá errado, eu entendo, mas tu também tem que me entendê! Tu tem que sabê por que eu fiz! Mas para de chorá! Se você quisé eu grito pra todo mundo... que eu sou um safado! (Gritando para a rua) Eu sou um safado!... Eu traí... Por que eu tenho medo... Por que eu quero bem! Por que eu quero viver! E viver não é isso que se faz aqui!

PEQUENOS BURGUESES³

NIL – Não, Petroushka, não! Viver, mesmo sem estar apaixonado, já é uma excelente ocupação. Viajar nas piores locomotivas, debaixo da chuva e vento, em plena tempestade de neve... tudo, na Terra, está tapado com as trevas, sepultado pela neve... é cansativo viajar num tempo desses, é até mesmo perigoso... mas mesmo assim, isso tem um certo encanto... existe encanto!... Só há uma coisa que eu acho absolutamente desprovida de encanto: é que nós devemos obedecer, eu e outras pessoas, aos canalhas, aos imbecis, aos ladrões. Mas a vida não pertence inteiramente a eles! O futuro não é deles! Eles vão desaparecer como desaparece um abscesso num organismo sadio! Não existe nada na vida que não possa alterar, mudar!...

O ANJO DE PEDRA⁴

JOHN – Há algum tempo atrás eu teria nojo só de pensar nisso. Mas agora, não Rosa! (*Pega-lhe o pulso, fazendo-a parar de dançar.*) Rosa Gonzáles! Será que alguém caiu tão depressa como eu este verão? Ha-ha! Como um porco seboso. (*Larga-a. Rosa se apóia à D. da escrivaninha, olhando-o.*) No entanto, eu mudo de terno todas as noites. Ponho um terno limpo todas as noites. Tenho uma dúzia. Seis no guarda-roupa e seis lavando. No meu rosto não há o menor sinal de depravação Passei todo o verão aqui, *assim*, recordando a noite anterior, antegozando a próxima! O meu problema é que eu devia ser capado. (*Levanta-se bruscamente com a garrafa e o copo. Cambaleia até (...) a escrivaninha, onde os deixa. Rosa atira-se ao sofá, chorando.*) Dance, Rosa!! Por que é que você não dança? (*Vai até ela e a puxa, erguendo-lhe as mãos bem alto.*) O que foi que aconteceu, Rosa? Por que não continua a dançar

³ GÓRKI, Máximo. *Pequenos Burgueses*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p. 114.

⁴ WILLIAMS, Tennessee. *O Anjo de Pedra*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1968, p. 131.

JUDAS EM SÁBADO DE ALELUIA⁵

Faustino – Maricota, minha vida, ouve a confissão dos tormentos que por ti soffro. (*Declamando:*) Uma idéia esmagadora, idéia abortada do negro abismo, como o riso da desesperação, segue-me por toda a parte! Na rua, na cama, na repartição, nos bailes e mesmo no teatro não me deixa um só instante! Agarrada às minhas orelhas, como um náufrago à tábua de salvação, ouço-a sempre dizer: - Maricota não te ama! Sacudo a cabeça, arranco os cabelos (*faz o que diz*) e só consigo desarranjar os cabelos e amarrotar a gravata. (*Isto dizendo, tira do bolso um pente, com o qual penteia-se enquanto fala.*) Isto é o tormento da minha vida, companheiro da minha morte! Cosido na mortalha, pregado no caixão, enterrado na catacumba, fechado na caixinha dos ossos no dia de finados ouvirei ainda essa voz, mas então será furibunda, pavorosa e cadavérica, repetir: - Maricota não te ama! (*Engrossa a voz para dizer estas palavras.*) E serei o defunto o mais desgraçado! Não te comovem estas pinturas? Não te arrepiam as carnes?

O SANTO INQUÉRITO⁶

PADRE – Se aceitamos a sua existência como coisa natural, acabamos por admiti-lo como parceiro. Porque, não tenha dúvidas, o Diabo está a todo momento a nos rondar os passos, a se insinuar e a infiltra. E é principalmente os ingênuos, os sem-maldade, como você, que ele escolhe para seus agentes. É um erro imaginar que Satanás prefere os maus, os corruptos, os ateus. Engano. Satanás escolhe os bons, os inocentes, os puros, porque são eles muito úteis e insuspeitos na propagação de suas idéias. Repare que as grandes heresias surgem sempre de pessoas que pretendem salvar a humanidade. Por isso, quando encontro alguém que se julga tão próximo de Deus que pode até senti-lo em sua própria carne, no ar que respira, ou na água que bebe, temo por essa criatura. Porque ela deve estar na mira do Diabo.

A FALECIDA⁷

⁵ PENA, Martins. Judas em Sábado de Aleluia. In: **Comédias de Martins Pena**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 90.

⁶ GOMES, Dias. *O Santo Inquérito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 43.

PIMENTEL – Sim, porque, geralmente, antes do principal, sempre há uma conversinha, um namoro, um romance... E, com a Zulmira, não houve nada disso... Ah, eu me lembro como se fosse hoje. Direitinho. Foi mais ou menos há um ano. Sabe aquela sorveteria da Cinelândia, que fica perto do “Odeon”?

(...)

Pois é. Entrei na sorveteria e... Fui lá dentro... mas em vez de empurrar a porta dos “Cavalheiros”, empurrei a porta das “Senhoras”. Abri assim e dou de cara com uma dona que estava na pia, lavando as mãos... Eu ia voltar atrás, mas ah! Não sei o que houve comigo! Deu-me a louca e já sabe: atraquei a Fulana, em bruto. Quer dizer: não houve um “bom dia”, um “boa noite”, não houve uma palavra entre nós, nada.

⁷ RODRIGUES, Nelson. A Falecida. In: **Nelson Rodrigues: teatro completo**. Rio de Janeiro: Aguilar, 2003, p. 768-679.